



CARTA CIRCULAR AOS COIRMÃOS

**SOBRE A MISSÃO
DA CONGREGAÇÃO
EM OCASIÃO DO JUBILEU
DA MISSÃO EM BULGÁRIA**

Roma 2013

*Ide, pois, e ensinai a todas as nações;
batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*
(Mt 28,19)

Queridos Coirmãos!

Ao mesmo tempo em que escrevo esta carta, acontecem também as festividades do jubileu dos 150 anos da Missão Búlgara, que o XXIX Capítulo Geral de 1993 confiou aos cuidados da Província Polonesa. Hoje, refletindo sobre o futuro desta pequena parte da Congregação, tenho a impressão, a qual é compartilhada por outros Ressurreicionistas, que esta missão não tenha muitas possibilidades de se desenvolver rapidamente; porém, por outro lado, acredito sempre que para Deus nada é impossível (cfr. Lc 1,37), portanto esperamos que uma nova primavera venha para a Igreja da Bulgária.

Olhando para o passado, percebi que, no início da nossa história, tudo se tratava de missão e os estatutos da “casa missionária” era um ônus, mas também uma grande honra para cada casa. Assim, se falava da missão parisiense, missão canadense, missão búlgara, missão americana, como também da casa missionária de Viena. Hoje, *de facto*, somos felizes e nos vangloriamos de ter a missão *ad gentes* em Tanzânia, onde trabalham quatro dos nossos coirmãos e onde já são visíveis os sinais de esperança de que a Congregação crie raízes naquela Igreja local.

Por isso, gostaria de vos convidar a refletir sobre o tema da missão, em nossas Constituições, assim como foram elaboradas e ratificadas pelo XXVII Capítulo Geral, de 1987. Obviamente, além do texto fundamental, na quarta parte intitulada “Vida Apostólica”, em trinta e três parágrafos (CCR 189-221), as Constituições falam dos princípios da atividade apostólica, isto é, do apostolado da educação, paroquial e missionária. Para que a nossa reflexão seja mais sistemática e frutuosa, proponho analisar a nossa missão, a partir de duas perspectivas diferentes: *ad intra* e *ad extra*.

Parte I: A Missão AD INTRA

De acordo com o antiquíssimo princípio: *Nemo dat quod non habet* (“ninguém pode dar aquilo que não tem”), a missão é, antes de tudo, voltada para nós mesmos. Os “princípios da vida apostólica” a definem assim: a Congregação se esforça por viver a nova vida e a esperança, contidas no Mistério Pascal do Senhor, em todas as fases de sua vida apostólica, assim que os religiosos obtenham a ressurreição pessoal e aquela da sociedade (cfr. CCR 189). Isso significa que, para poder empreender qualquer tipo de apostolado, o missionário deve, antes de tudo, possuir, em si, uma vida nova, uma nova esperança e um novo ímpeto, para comunicá-lo aos outros, isto é, ele deve ser o primeiro a seguir pelo caminho da ressurreição pessoal, a fim de que, assim, possa contribuir, em modo real, para a ressurreição da sociedade. Esta convicção da necessidade de renovar a própria vida se torna um imperativo interior, para que se execute um serviço missionário em favor dos irmãos e irmãs, isto é, ao empenho *ad extra*. Os elementos importantes deste apostolado intracomunitário são: a certeza de que Deus nos ama incondicionalmente; a total dedicação à missão de Cristo; a convicção de que a qualidade da nossa vida comunitária deve ser sempre ótima; a cooperação e a ajuda recíproca, em nome da fraternidade, em uma única família religiosa.

1. A certeza de que Deus nos ama incondicionalmente

*Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco.
Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.*
(1Jo 4,16)

A primeira frase das Constituições, que representa também o coração da nossa espiritualidade, diz assim: “Deus ama cada um de nós, com amor pessoal e incondicional” (CCR 1). Esta verdade se encontra também no Carisma e na Missão da Congregação: “Estamos convictos de que o Amor de Deus para conosco é misericordioso e infável” (Carisma); “Somos convictos de que Deus nos ama com amor incondicional” (Missão). Além do mais, as primeiras páginas das Constituições estão repletas desta temática. Estas considerações nos levam à verdade fundamental do cristianismo, que “Deus é amor e bondade infinita”. Como o profeta Isaías nos assegurou solenemente, em nome de Deus: “Mesmo que as montanhas oscilassem e as colinas se abalasses, jamais meu amor te abandonará e jamais meu pacto de paz vacilará” (Is 54,10).

Acolher esta verdade com o coração e a mente nos conduz a uma resposta de gratidão e, portanto, a retribuir este amor com amor, ou seja, usando as palavras de São João: “a reconhecer e crer no amor que Deus tem para conosco” (1Jo 4,16a). Reconhecendo o amor de Deus como o princípio fundamental da vida, decidimos assumir, com nosso comportamento, uma dupla relação de amor com Deus e com os homens; em outras palavras, peçamos a Deus que nos encha do seu amor, o qual devemos, conseqüentemente, transmitir aos outros: “Este é justamente o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,21).

Neste contexto, gostaria de vos colocar algumas perguntas: Qual é a imagem de Deus que trago no meu coração? Quando e como descubro a presença de Deus misericordioso no meu dia-dia? Qual é imagem de Deus que passo às pessoas, quando prego a Palavra e celebro os Sacramentos? Amo o próximo, em conformidade com a minha vocação, de forma que toda minha relação humana seja um sinal visível do amor de Deus, e desejo, como o Criador, o verdadeiro bem a todas as pessoas?

2. A total dedicação à missão de Cristo

*Eu vim para lançar fogo sobre a terra:
e como gostaria que já estivesse aceso!*
(Lc 12,49)

A missão da Igreja é uma extensão da missão de Cristo, a qual é expressa vividamente na citação das palavras de Deus, reproduzida acima. Essa nos fala de aceleração da missão e do seu cumprimento, através do dom do Espírito Santo, que foi primeiramente infundido, no dia de Pentecostes, e que vem até nós, também hoje, através dos carismas e dos sacramentos. Esta verdade é referida no texto das nossas Constituições, no último parágrafo da “Missão”, que evidencia o que foi dito: “Façamos nosso o próprio desejo de Cristo de acender o fogo do Amor Divino, no coração de todo homem, nesta terra”.

Refletindo sobre o tema da nossa participação à missão de Cristo, chegamos à conclusão que devemos dedicar mais atenção ao cultivo da sensibilidade à ação do Espírito Santo, que se manifesta na bondade e no amor de Deus por nós: começando pela nossa

vocação e através de nossa vida de votos e ministério, na Congregação. De fato, para que a nossa participação seja mais frutuosa, devemos ser disponíveis à inspiração do Espírito Santo. O Espírito de Deus “sopra onde quer”, surpreende-nos com a sua força, com frescor e originalidade, ajuda-nos a redescobrir a vontade de Deus, concede-nos carismas, vem ajudar-nos em nossas fraquezas, auxilia-nos na batalha contra nossas incertezas e, enfim, dá-nos coragem, para que nos empenhemos em nossas ações.

Se os exegetas veem, no símbolo do fogo, principalmente, o símbolo da terceira Pessoa Divina, então, convém que, durante o exame de consciência, interroguemo-nos sempre, mais frequentemente, com as seguintes questões: Sou aberto ao Espírito Santo? Estou pronto para que Ele purifique, em mim, aquilo que não é santo, aquilo que é árido e resistente, e a curar o que é ferido? Além disso, é oportuno se perguntar: Estou pronto, para que, através da minha pessoa, o Espírito Santo possa irradiar a sua sabedoria, isto é, a capacidade de enxergar a realidade com os olhos de Deus e ver tudo, a partir da perspectiva da eternidade? Através de mim, o Espírito Santo pode iluminar, com o dom do conselho, que nos ajuda a dar a justa orientação, na complexidade da vida, para que aqueça, com o dom da piedade, que nos permite viver a relação com Deus, como filhos?

3. A convicção de que a comunidade deveria ser de ótima qualidade.

*Sede solícitos em conservar a unidade
do Espírito no vínculo da paz.
(Ef 4,3)*

A missão intracomunitária é endereçada tanto às pessoas consagradas, que a Igreja vê como os verdadeiros mestres da comunidade, as testemunhas e os artífices da visão da comunidade (cfr. *Vita Consecrata* 46), quanto às inteiras comunidades religiosas, que “devem ser modelo de comunidade cristã”, animadas por um único espírito e único coração. A comunidade cristã, como sabemos, não é uma simples reunião de cristãos, em busca de perfeição, mas constitui uma parte da Igreja-mistério, da Igreja-comunhão e da Igreja-missão. Nesta constelação, a vida fraterna em comunidade é essencial para o crescimento espiritual e o progresso na santidade. Além disso, é também de grande valor para o trabalho apostólico. Somente uma comunidade deste tipo pode ser eficaz, do ponto de vista missionário, isto é, capaz de atrair pessoas e pronta a acolher novas vocações.

Sabemos, por experiência própria, que aqui neste mundo, comunidades perfeitas não existem. Todas as nossas comunidades estão sempre em caminho, em busca do ideal, que é a Santíssima Trindade. O fato de estar em caminho significa que, algumas vezes, diminui-se a velocidade, muda-se o ritmo dos próprios passos, sente-se o cansaço, a tensão, a incompreensão, os erros, avaliações errôneas e julgamentos falsos. Apesar destes e tantos outros obstáculos e dificuldades, nenhum de nós pode se considerar dispensado da participação à construção da comunidade; deve, sim, esforçar-se pela unidade e dar o melhor de si mesmo.

Sendo conscientes de que somos chamados à vida fraterna e à construção da comunidade exemplar, pergunto-me: Quanto do meu tempo, dos meus talentos e das minhas ideias, eu invisto na comunidade local? Lembro-me de que o cuidado recíproco, em modo particular, para com os coirmãos doentes e idosos, é um sinal evangélico da qualidade de vida da comunidade? Sou paciente e compreensivo para com aqueles que, por suas limitações e dificuldades pessoais, caminham mais devagar? Os coirmãos que vivem às margens da comunidade não são excluídos da missão da Congregação? A minha comunidade local vive o

Carisma da Congregação e faz com que o dom da fraternidade seja sempre presente e visível a todos?

4. A cooperação e a assistência recíproca como um desafio da internacionalidade

*Nas atuais circunstâncias,
vossa abundância supra a indigência daqueles,
para que, por seu turno,
a abundância deles venha a suprir a vossa indigência.
Assim reinará a igualdade.
(2Cor 8,14)*

A internacionalidade que, para muitas comunidades religiosas de antiga fundação, é uma coisa óbvia, para nós é algo com que tivemos de lidar somente nas últimas décadas. Rende-nos feliz a afirmação contida no texto da “Missão”, que favorece à construção do sentido da internacionalidade: “Como comunidade internacional, ajudamo-nos mutuamente, em várias partes do mundo, compartilhando nossos serviços, experiências e recursos”. Na Congregação, existem, também, estruturas internacionais (Comissão Internacional de Formação, Comissão Internacional dos Estudos Ressurreicionistas, Seminário Internacional em Roma), sem falar da Cúria Geral e do Conselho Geral Ampliado. Estas instituições, segundo as nossas Constituições, têm, como objetivo, a promoção da cooperação recíproca, através da partilha de informações e experiências. Nossa legislação aplica a mesma finalidade à construção da comunidade, juntamente com os leigos (cfr. CCR 16; 190).

A internacionalidade da comunidade significa também a universalidade da nossa missão, pois estamos presentes “em vários países do mundo” e servimos a Igreja inteira. A consciência da internacionalidade, de uma parte, abre-nos às diferentes culturas e, de outra, permite-nos apreciar nossas próprias raízes e nos rende disponíveis a sermos cidadãos da comunidade global da Congregação, onde nos sentimos sempre em casa. O carácter internacional da Congregação enriquece toda a comunidade; graças a isso, tornamo-nos sempre mais um sinal visível de “um mundo novo e melhor”.

Se, hoje, inteiras sociedades estão se tornando, cada vez mais, dependentes umas das outras e cresce a consciência de que devem ser unidas, porque o maior é mais forte e poderoso, então, nesta ótica, a internacionalidade é um grande dom e um desafio à solidariedade, à cooperação e à ajuda recíproca, em várias dimensões. Como São Paulo exortava aos coríntios a reconhecer que a abundância e prosperidade deles são o resultado da ajuda de outras comunidades, assim nossas Constituições nos chamam à partilha dos ministérios e experiências, como também dos nossos recursos espirituais, materiais e humanos.

Deste ponto, emerge uma questão: nós, que temos o *status* internacional, mas que ainda sentimos no coração resistências e preconceitos do passado, somos realmente generosos, ao ponto de deixar nossa velha pátria para viver em uma outra e aprender, uns com os outros, ajudando-nos reciprocamente? Teoricamente, na verdade, entre nós “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos somos um em Cristo Jesus” (Ef 3,28).

PARTE II: A Missão *AD EXTRA*

Se a missão *ad intra* define quem somos, a missão *ad extra* define o que fazemos; porém, a força para o que fazemos está no que somos, ou seja, como nos mantemos profundamente unidos a Jesus Cristo, como participamos da sua missão e o quanto somos unidos com os irmãos da Comunidade (cfr. CCR 5). O princípio evangélico é inequívoco: somente aquele que permanece em Cristo produz muito fruto (cfr. Jo 15,5). Já o Beato João Paulo II tinha observado que a atividade missionária *ad intra* é um sinal prestigioso e um estímulo para a atividade missionária *ad extra* e vice-versa (cfr. *Redemptoris Missio* 34), ou seja, entre uma e outra direção existe uma forte interdependência, mesmo se o dinamismo missionário interior sempre nos conduzir ao mundo exterior.

Por missão *ad extra* se entende todos os tipos de apostolados da Congregação que são voltados àqueles que estão próximos da Igreja, mas também àqueles para quem a Igreja está distante ou, por motivos vários, tornaram-se estranhos. Esta atividade missionária é canalizada em cinco correntes: anunciar a Palavra de Deus, testemunhar Cristo, construir comunidade, o serviço pastoral e educacional e a colaboração com os leigos.

1. Proclamando a Boa Nova

Eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo havia recebido.
(1Cor 15,3a)

A proclamação da Boa Nova, ou seja, a evangelização, não se reduz ao ensinamento ou à transmissão de um certo tipo de conhecimento, mas é, acima de tudo, narrar a experiência de ter encontrado Jesus Cristo. É isso que o Apóstolo dos pagãos fazia, quando explicava aos coríntios que ele transmitia aquilo que ele mesmo tinha recebido, durante seu encontro com o Senhor Ressuscitado. Este princípio foi justamente expresso nos *Lineamenta*, durante o último Sínodo dos Bispos: “Pode evangelizar somente quem foi e se deixa ser evangelizado, isto é, quem se deixar renovar espiritualmente, através do encontro e da vida vivida em comunhão com Jesus Cristo” (22).

Nós, como Ressurreicionistas, em nossa pregação, enfatizamos o Mistério Pascal, “manifestando ao mundo a presença de Cristo Ressuscitado” (CCR 5). Nossas Constituições colocam em evidência que, para anunciar o Evangelho em modo eficaz e verossímil, três condições são necessárias: a proclamação da Palavra de Deus e não a própria palavra; a preparação diligente para realizar esta proclamação; a formação da própria vida, segundo as verdades que se proclamam (cfr. CCR 216).

A Igreja nos encoraja em cada oportunidade, mas, especialmente, neste Ano da Fé, a procurar constantemente por novos e mais eficazes modos de evangelização, ao mesmo tempo que é consciente do fato que anunciar Jesus Cristo hoje é mais difícil do que no passado. O papa Francisco, ao início do seu pontificado, nos incitava com as seguintes palavras: “Não cedamos nunca ao pessimismo, à amargura que o demônio nos apresenta todos os dias; não cedamos ao pessimismo e ao desencorajamento: temos a firme certeza de que o Espírito Santo doa à Igreja, com seu sopro potente, a coragem de perseverar e também de buscar novos métodos de evangelização, para levar o Evangelho aos extremos confins da terra” (*Discurso aos Cardeais*, 15 de março de 2013). Portanto, não podemos nos desencorajar; não podemos desistir e nos resignar; não podemos renunciar à pregação do Evangelho e deixar a estrada aberta aos inimigos da Igreja, mas devemos abraçar esta causa com ardor e entusiasmo renovados, com mais coragem e com uma fé resoluta, esperança radiante e amor sincero.

Acredito, realmente, que é Cristo que guia a Igreja por meio do seu Espírito? Ao proclamar a Palavra de Deus, que é Amor, proclamo-a autenticamente, praticando a Caridade, em minhas ações cotidianas? O depósito da fé, o Carisma e a tradição Ressurreicionistas que aceitei, transmito-os aos outros, com alegria e entusiasmo?

2. Testemunhar Cristo

E nós somos testemunhas de tudo o ele que fez.
(At 10,39)

O evento de Cesareia, descrito nos Atos dos Apóstolos, onde Pedro, em um longo discurso, refere a Cornélio e a seus parentes e amigos mais íntimos o caso de Jesus, ofereceu-nos três passos necessários, na missão evangelizadora *ad extra*: primeiro, conhecer; em seguida, anunciar; e, enfim, testemunhar, atitude que se manifesta na confissão corajosa de Jesus Cristo, em modo unívoco, com todas as consequências que esta comporta. O papa Paulo VI fala também “do testemunho da própria conduta, isto é, da maneira particular com a qual o cristão dá estilo e forma princípios, que são proclamados com o próprio modo de julgar e agir” (*Audiência Geral*, 14 de dezembro de 1966). Neste sentido, podemos ser anunciadores sem palavras, dando testemunho, com simplicidade e autenticidade da vida.

Nesta ótica, o testemunho não é trocar a fé por obras, porque crer deve ser manifestado ao externo como fé comunicativa e exemplar. Um tal testemunho faz com que o apóstolo seja mais eficaz. Portanto, a Igreja “precisa, acima de tudo, de pessoas que, através de uma fé iluminada e viva, façam com que Deus seja digno de crença, neste mundo. O testemunho negativo dos cristãos, que falavam de Deus e viviam em modo contraditório, obscureceu a imagem de Deus e abriu a porta à incredulidade. Precisamos de homens que tenham o olhar fixo em Deus, que aprendam Dele a verdadeira humanidade. Precisamos de homens com o intelecto iluminado pela luz de Deus e com o coração aberto por Ele, de modo que o intelecto possa falar ao intelecto das outras pessoas e o coração possa abrir o coração das outras pessoas. Somente através de homens que foram tocados por Deus, Deus pode retornar junto aos homens” (Card. Josef Ratzinger, *A Europa na Crise das Culturas*, Subiaco, 01 de abril de 2004). Todavia, ser testemunha não é algo fácil, porque requer, em todas as circunstâncias, uma grande fé, uma forte esperança e uma profunda caridade. É um percurso que os cristãos continuam a reaprender, sempre de novo, ao longo dos dois mil anos de sua história.

Daqui, algumas questões emergem para a nossa reflexão pessoal: Será que o nosso testemunho “institucional” não leva, em si, os sinais de uma mesquinha demonstração exterior, gestos formais e palavras rotineiras, por detrás dos quais não existem obras reais? Estamos cansados deste apostolado cotidiano do “bom exemplo”? Somos profundamente convictos de que a graça de Deus age e transforma, até o ponto de converter o coração?

3. Ministério nos nossos apóstolados tradicionais

Fiz-me tudo para todos,
a fim de salvar a todos.
(1Cor 9,22b)

Mesmo que, no início da história da Congregação, os nossos míseros recursos não permitiam uma grande expansão apostólica, a primeira geração de Ressurreicionistas assumiu várias atividades apostólicas, na Igreja: a pastoral com os emigrantes, em Paris e Roma; pregações e a publicação de textos, ministério sacramental e direção espiritual, educação e

promoção vocacional, formação ao sacerdócio e envolvimento na diplomacia da Santa Sé; prática de caridade, serviço pastoral, em santuários e, finalmente, organização de estruturas paroquiais e construção de novas igrejas. Nossas Constituições mantêm a multiplicidade de formas de serviço, mas consideram, como apostolados primários, a pastoral paroquial, a educação e a missão *ad gentes* (CCR 190). Na descrição da nossa “Missão”, afirma-se que, com o nosso ministério pastoral e educativo, queremos “atingir todas as pessoas”, mas queremos, em modo particular, estar perto dos jovens e das famílias. Além do mais, queremos ser particularmente solidários “com todos os que são marginalizados por estruturas injustas”, de qualquer tipo de sistema político e econômico.

Em ocasião do jubileu, mencionado no início desta carta, gostaria de enfatizar a coragem e a determinação dos nossos primeiros missionários, que, há 150 anos, acolhendo, na maioria, o Rito Oriental, iniciaram, prontamente, com grande ímpeto, a atividade apostólica, entre os fiéis de Trácia, na Bulgária. Os nossos missionários não somente construíram igrejas e organizaram paróquias, mas também construíram escolas e colégios, para os quais propuseram, também, os programas de ensino e os textos escolares, traduziram e publicaram livros na tipografia própria e fundaram e administraram um seminário, para a formação do clero uniata. A atividade deles ficou conhecida não somente na Bulgária e na Grande Polônia, mas também foi reconhecida pelo núncio apostólico o arcebispo Angelo Giuseppe Roncalli, que depois se tornou Papa João XXIII. Em sua carta, escrita ao XVIII Capítulo Geral de 1926, o Papa elogiava os merecimentos e a competência dos nossos missionários, no campo da educação, e, com palavras dramáticas, implorava ao Capítulo benevolência para com a missão búlgara: “Peço-vos e vos imploro, Reverendo Padre e o vosso venerável Capítulo Geral, de avaliar, com muita atenção, esta circunstância de imenso bem, que a Providência está oferecendo à vossa Congregação e de introduzir um programa de ação apostólica determinado e forte, especialmente no campo da educação. Deveis ter a boa vontade de acreditar que a Bulgária *nequaquam minima est* entre as regiões onde o campo apostólico floresce. Além do mais, aqui, a tradição Ressurrecionista já é tão linda e gloriosa que seria realmente uma pena se viesse a ser interrompida ou enfraquecida”.

Ao lado destas considerações, gostaria de colocar três perguntas: Em nossos apostolados tradicionais, somos solidários para com aqueles que vivem às margens da Igreja e da sociedade? Em nome da solidariedade, somos prontos a carregar os pesos dos outros ou carregá-los juntos, como comunidade? Existe em nós o interesse pessoal pelo andamento das nossas missões?

4. Convidando a todos a uma união mais íntima com o Cristo Ressuscitado

*Que Cristo habite pela fé em vossos corações,
arraigados e consolidados na caridade.
(Ef 3,17)*

O apóstolo Paulo, empenhando-se em criar cristãos fortes e corajosos, explica aos efésios que a verdadeira força do homem está na íntima relação com Cristo. Por isso, com palavras simples, ele lhes deseja que Cristo encha totalmente seus corações, que são o centro do pensar, do querer e do agir humano. Isso porque é no coração do homem que acontece a batalha entre o bem e o mal. Se Cristo, pela fé, vive no coração de uma pessoa, então, o coração dela, reforçado pela presença do Senhor, torna-se enraizado e imergido no amor de Deus. O amor de Deus, que foi derramado nos nossos corações, faz-nos capazes de construir uma relação especial entre nós e cria o espaço ideal para colocá-lo em prática. Esta verdade fora descoberta já na nossa Regra de 1857, a qual enfatizava que a Congregação deve ter,

como finalidade, fazer com que “a verdade de Deus ilumine todas as mentes, que a bondade de Deus e a sua santa lei inflamem todos os corações; e, assim, a multidão dos fiéis se torne uma só alma e um só coração; e em todo o mundo exista um único rebanho e um único Pastor” (15).

Nos últimos anos, tem-se enfatizado muito a dimensão comunitária da Igreja. Nós também sentimos uma forte necessidade de comunidade, que se realize não somente nas grandes e anônimas assembleias litúrgicas, mas principalmente nas pequenas comunidades de fé e partilha de ideias, de culto e oração, da caridade fraterna, da amizade e do auxílio recíproco. Por isso, nas nossas Constituições, encontramos a descrição da paróquia como “uma comunidade constituída de comunidades menores, pelas quais os fiéis realizam, com mais facilidade, sua responsabilidade pela Igreja”; logo depois desta descrição, também encontramos a seguinte afirmação: “a Congregação apoia e recomenda o trabalho com várias comunidades de fiéis” (CCR 214).

É claro que estas comunidades, a causa do nosso Carisma, são intrinsecamente marcadas pelo mistério da Ressurreição de Cristo, sem mencionar as outras comunidades que são ligadas a nós, por uma especial afinidade espiritual e se nutrem do tesouro da tradição e história Ressurreicionistas. O fato de convidarmos, “de modo especial, os jovens e as famílias”, a formar estas comunidades, é devido à consciência de que, exatamente, estes dois grupos de pessoas são o futuro da Igreja; e, com eles, pequenas comunidades podem ser construídas de um modo natural. As nossas Constituições querem que nossas comunidades irradiem fé, esperança e amor, como também facilitem o crescimento pessoal e promovam a amizade e o esforço comum no apostolado (cfr. Missão; CCR 214).

Tendo presente em nossas mentes que nossas comunidades devem ser “sinais de união com Cristo e Sua Santa Mãe Maria, na Igreja”, somos chamados a refletir sobre o quanto elas estejam ao serviço da unidade e da renovação da Igreja. Desde que nos foram confiados os ofícios de sermos construtores de comunidades e mestres desta arte, pergunto-me: Existe em nós o desejo de colocar isso em prática e competência, nesta especialização? O nosso trabalho de construção de comunidades restaura o prazer de estarmos juntos àqueles que, na sociedade, sentem-se perdidos e desorientados?

5. Trabalhando juntos com os leigos

*Até que todos tenhamos chegado à unidade da fé
e do conhecimento do Filho de Deus,
até atingirmos o estado de homem feito,
a estatura da maturidade de Cristo.
(Ef 4,13)*

As Cartas do Novo Testamento falam repetidamente de uma variedade de dons de Cristo e da diversidade de ofícios e funções, no interior da Igreja, porém, sempre enfatizando que a Cristo se vai, estando juntos na unidade da fé; pois, somente assim, podemos chegar ao pleno conhecimento e à perfeição. Vamos juntos; porém, para nós religiosos, que participamos na missão pastoral da Igreja, existe um lugar designado, na linha de frente. A este respeito, já a Regra de 1857 descrevera, em linhas gerais, alguns princípios: “No guiar as almas, não se caia na severidade inoportuna, nem na bondade exagerada; evite-se, com cautela, a imposição das próprias opiniões e da própria vontade, e se procure, acima de tudo, seguir os caminhos de Deus e guiar por eles as almas. O resultado deste esforço será: que, cada pessoa, segundo a sua própria vocação e o próprio caminho, chegue à perfeita verdade;

que não progrida somente na devoção e na prática dos Sacramentos, mas, principalmente, na aquisição e na prática das virtudes, que são o conteúdo da vida cristã” (208).

Assim como a atividade pastoral da Igreja é inconcebível sem a colaboração dos leigos, as nossas Constituições nos obrigam a apoiá-los no cumprimento de sua específica vocação no mundo. À luz dos textos das nossas Constituições, no que se refere à relação entre nós e os leigos, temos as seguintes obrigações: ajudar os leigos a redescobrir o valor dos Sacramentos e a força da Palavra de Deus; integrá-los na missão da Igreja e da Congregação; escutar a voz deles, com um verdadeiro interesse fraterno; levar em consideração suas necessidades, pontos de vista, experiências e competências; criar espaços para as ações e iniciativas deles; cuidar da formação e crescimento religioso deles; ajudarmo-nos mutuamente e cooperar.

Devemos refletir se somos conscientes destas nossas obrigações e se as tratamos seriamente. Como Ressurreicionistas, nascidos da laicidade, reconhecemos a dignidade, a necessidade e a complementariedade das diferentes vocações na Igreja? Sabemos como fazer bom uso dos diversos dons, talentos e capacidades dos leigos, na construção do edifício divino?

Eu gostaria de terminar minha meditação sobre a missão da Congregação, desejando que o conteúdo e as questões formuladas, em cada um dos nove pontos, estimulem-vos a continuar a vossa reflexão pessoal e comunitária, que contribuirá a adicionar algo mais àquilo que está escrito nesta carta circular. Ao mesmo tempo, isso deve entrar na corrente da nova evangelização e dos novos desafios que surgem para a Igreja e a Congregação. Neste trabalho, confio-vos todos à intercessão de Nossa Senhora das Graças de Mentorella.

In eo Christo Redivivo



Pe. Bernard Hylla, C.R.
Superior Geral
19º sucessor do Irmão Mais Velho Deodato Jański



Burgas, Bulgária, 02 de julho de 2013.

Capa: Vitral da Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, em Rio Claro (RJ), Brasil, onde a Congregação trabalhou por dez anos.